LESLIE LEITÃO

"Falta ambição pela vitória"

O presidente do COB critica os atletas brasileiros que se contentam com pouco, reconhece a inoperância de certas confederações e não fala em aposentadoria

Mergulhado nos preparativos para a Olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro, o advogado carioca Carlos Arthur Nuzman, 70 anos, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), não vê problema no fato de que àquela altura estará completando 21 anos à frente do órgão. "O que é bom não deve mudar", afirma o ex-jogador da seleção brasileira de vôlei, crítico das articulações apoiadas pelo governo para limitar o mandato dos cartolas. Nuzman conta que chegou ao esporte pelo caminho de uma tragédia familiar: a morte da mãe em decorrência da explosão de um aquecedor a gás. "O trauma durou anos, e foi o vôlei que me deu um chão", diz. Vaidoso, nesta entrevista a VEJA ele conta que mantém a forma pedalando uma bicicleta ergométrica em sua casa no Jardim Pernambuco, área nobre do Rio de Janeiro, e admite que mandar é prazeroso.

"O lado psicológico dos brasileiros é mais frágil. Em Londres, o vento soprou para todo mundo, certo? Mas só a Fabiana Murer desistiu de saltar"

OSCAR CABRAL

O governo apoia os projetos de lei que tramitam no Congresso limitando a duração do mandato dos dirigentes esportivos. O senhor vai se movimentar contra? Não, mas não concordo com a iniciativa. O que é bom e está dando certo não deve mudar. Na ditadura militar, queriam limitar o mandato dos presidentes de confederações esportivas a três anos, renováveis por mais três. Não funcionou. Certas batalhas levam tempo para ser vencidas e demandam experiência. É o caso da conquista e da organização de uma Olimpíada. Comecei a plantar essa semente lá atrás, há mais de uma década. Sem querer ser arrogante nem melhor ou pior do que ninguém, é preciso lembrar que não havia e não há ninguém tão preparado para esse cargo como eu.

Nas democracias, a alternância de poder fortalece o próprio sistema. Essa lógica não se aplicaria ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB)? O esporte exige uma lon-

gevidade maior. Ao longo de todos esses anos, tive a oportunidade de construir um patrimônio de relacionamentos nesse meio. Falo com todo mundo no Comitê Olímpico Internacional (COI). Olhe como as coisas funcionam. Em 2000, o Juan Antonio Samaranch *(então presidente do COI)* me ligou dizendo: "Nuzman, pega um avião que eu preciso falar com você". Fui na hora para Lausanne. Os Jogos Pan-Americanos seriam na República Dominicana, mas a organização ia tão mal que começaram a ventilar a ideia de trocar a sede para o Rio de Janeiro. Samaranch me deu o caminho das pedras: "Sai dessa. Espera mais quatro anos para fazer um bom Pan no Rio e aí você ganha a Olimpíada". Repare que terão se passado dezesseis anos até o momento dos Jogos. Com dois mandatos de quatro anos, esquece. O presidente do COI não te chama para ter uma conversa como essa.

Sem o senhor não haveria Rio 2016? Ninguém organiza uma campanha desse porte sem o governo, nem se fosse gênio. Agora, a articulação política que eu fiz, o *tête-à-tête*, tudo isso foi decisivo, sim. Aliás, quando terminarem os Jogos, vou escrever um livro contando os bastidores dessa história.

Deixará algum capítulo de fora? Nem todos os bastidores eu posso contar. Afinal, não se ganha uma Olimpíada pelos belos olhos de ninguém.

Denúncias de venda de votos rondaram a disputa pela sede da Copa de 2022, no Catar. Algum cartola lhe pediu dinheiro para votar pelo Rio? Isso nunca aconteceu.

Quando o senhor planeja deixar seu cargo? Ainda não sei. Vou tomar uma decisão até 2016. Só sei que, dentro ou fora do comando do COB, continuarei na área do esporte. Vejo algumas pessoas, não muitas, que podem até vir a me suceder. É difícil. Não sou insubstituível, mas tenho um perfil único. Ficar depois da Olimpíada é uma opção, sim. O projeto de lei que limita o tempo nessa função que ocupo não seria um impedimento para isso. Ele valeria justamente a partir de 2016, e por dois mandatos. Seria possível, portanto, permanecer no cargo até 2024.

> **"Não concordo com o projeto apoiado pelo governo que limita o mandato dos dirigentes esportivos. Certas batalhas levam tempo e demandam experiência para ser vencidas. Não sou insubstituível, mas meu perfil é único"**

Em todo esse período em que o senhor esteve no comando do COB, o Brasil continuou a ter um desempenho modestíssimo em Olimpíadas. Por que não foi possível reverter essa situação? Calma lá. O Brasil vem avançando. Saímos de três medalhas nos Jogos de Barcelona, em 1992, para quinze em Atlanta, em 1996, e hoje estamos em dezessete. Tenho me empenhado desde o início em conseguir mais dinheiro e estruturar programas de incentivo ao esporte. Agora, o COB não tem gerência direta sobre o desenvolvimento dos atletas. As confederações é que são responsáveis por isso. Elas são independentes. Têm seus gestores, que, por sua vez, escolhem seus técnicos e ditam os rumos de suas modalidades. Existe uma fronteira aí que eu não posso ultrapassar.

Então muitas confederações não estão fazendo seu trabalho do jeito que deveriam? Algumas confederações, como a do vôlei e a do judô, funcionam muito bem, com eficiência empresarial. Outras, infelizmente, não. Com isso, elas emperram suas modalidades. Um bom curso de gestão não faria mal a certos dirigentes que estão hoje no poder.

Quais são as confederações ineficientes a que o senhor se refere? Muitas modalidades já foram e ainda são vítimas da ineficácia. Nos anos 60, o basquete masculino chegou a ser bicampeão mundial, mas sucumbiu porque os dirigentes viviam em guerra e não se fez nenhum trabalho de base para atrair gente talentosa para as quadras. Outra oportunidade desperdiçada foi com o tênis. Com o Guga, tivemos o mais difícil, um herói. Mas quantos torneios ele disputou no Brasil? Só um, na Bahia, sem nenhuma relevância, pura perfurmaria. Esse é para mim um exemplo de como a falta de visão e preparo de certos dirigentes pode impedir a evolução de um esporte.

Países como Espanha, Coreia do Sul e China deram grandes saltos nos Jogos que precederam aqueles que sediaram. Já o Brasil não avançou nenhuma medalha em Londres. O que isso sinaliza sobre nossas chances em 2016? A meta é passar das atuais dezessete medalhas para pelo menos 25 nos Jogos do Rio. Em nossas contas, isso deixará o Brasil entre os dez melhores do mundo em número de medalhas. Não chega a ser extraordinário, é verdade, mas é bom para um país que despertou para o esporte décadas depois dos outros.

Faltou mais empenho dos governos nessa área? Até o fim dos anos 90, muito pouco se fez para desenvolver o esporte, mas estamos evoluindo. Só agora, por exemplo, vamos ter os primeiros centros de treinamento com padrão olímpico. A China já conta com mais de vinte. Somos o único país em toda a história a ganhar o direito de sediar uma Olimpíada sem ter essa estrutura mínima. Nossas deficiências são ainda tão básicas que mesmo nas escolas faltam quadras esportivas. A verdade é que, até pouco tempo atrás, se tivesse aparecido no Brasil um talento tão fora do comum como Michael Phelps, talvez ele se perdesse em meio aos obstáculos.

Os mais otimistas no COB previam até 25 medalhas em Londres. Por que ficamos longe disso? Há fatores no esporte que são difíceis de controlar. Um deles é o lado psicológico do atleta. Os brasileiros são mais frágeis aí. Tremem mais do que os outros. Quando um jogador de vôlei não acorda bem, costuma falar para o outro: "Hoje estou com uma leve dor". Chineses, russos, americanos não têm uma "leve dor". Ou, se têm, ignoram. Em Londres, o vento soprou para todo mundo, certo? Mas só a Fabiana Murer paralisou e desistiu de saltar. Uma pena mesmo. Antes da pane, o técnico tinha convicção de que ela estava pronta para brigar pelo ouro. Fico preocupado com os Jogos no Rio. Competir em casa gera mais pressão ainda. Nossos atletas estão tendo um reforço psicológico desde já. Além disso, eles precisam demonstrar mais ambição pela vitória. Muita gente no Brasil mira baixo, achando que ter sido classificado para a Olimpíada já é uma grande vitória. Pois não é.

Em que modalidades o senhor aposta que o Brasil vai avançar em 2016? Vou arriscar uma só — o handebol feminino, que está seguindo a mesma trilha bem-sucedida do vôlei. Aliás, fiz pelo Ary Graça *(presidente licenciado da Confederação Brasileira de Vôlei, que assumiu o comando da Federação Internacional de Vôlei)* o que não fiz nem para minha filha. Deixei de herança um sistema bem organizado, dinheiro em caixa e dois técnicos de primeiríssima linha, o Bernardinho e o José Roberto Guimarães. Quem sabe um dia eles ainda não trocam figurinha? São dois implacáveis defensores da disciplina, o que falta a muito atleta brasileiro.

A quem, por exemplo? Esses que fogem da concentração para ir para a balada, tipo o atacante Adriano, dão o mau exemplo. Felizmente, temos esportistas como o Robert Scheidt, da vela. Sabe o que ele me disse outro dia? Que, se não houver mesmo a classe Star em 2016, ele volta para a Laser, que exige muito mais esforço físico. O Scheidt está com 39 anos.

> **"Muitas modalidades são vítimas da ineficácia de suas confederações. Com o Guga, tivemos o mais difícil, um herói. Mas quantos torneios ele disputou no Brasil? Só um, irrelevante. Esse é um exemplo de como a falta de visão de certos dirigentes atrapalha"**

As obras previstas no projeto olímpico vão sair do papel no prazo e com o orçamento previsto? São muitas alçadas de poder envolvidas na organização dos Jogos e há obras de grande complexidade para sair do papel. Até este momento, está tudo dentro do prazo, com o COI cobrando duro. A maior preocupação de todo mundo envolvido é com os aeroportos. Que eles vão melhorar não há dúvida. Mas a questão é saber em que nível estarão quando a Olimpíada chegar. Com tanta gente indo e vindo, pode ser uma dor de cabeça.

Como é ter de lidar com tantas instâncias de poder? Não é fácil, mas está funcionando bem. O que ajuda, nesse caso, é que todos os níveis de poder estão do mesmo lado político — o prefeito, o governador e a presidente. Quando organizei o Pan, em 2007, a situação era bem mais complicada. De um lado os Garotinho, do outro o Cesar Maia. Posso dizer que não foi exatamente um mar de rosas.

Qual foi o prejuízo causado pelo episódio da apropriação de informações sigilosas do Comitê Organizador de Londres por gente de sua equipe? Foi um vexame. É feio para a imagem do Rio. Nove funcionários de nove departamentos diferentes do comitê cometeram o mesmo erro. O pior é que não havia nada naquelas informações que nós não poderíamos saber de outra maneira. Era só pedir formalmente os dados a Londres. Eles sempre nos ajudaram. Fiquei irritado pela quebra de confiança. Claro que a responsabilidade de uma situação como essa vai sempre recair sobre mim, o presidente. Mas o comitê é grande demais. Não dá para ter controle sobre tudo nem conhecer todo mundo. Temos 360 funcionários. Vai chegar uma hora em que 200, 300 pessoas serão contratadas por mês. É uma demanda alta em um país com baixa oferta de quadros qualificados. Não há como evitar esse tipo de problema.

COB e CBF já se estranharam. Como andam atualmente as relações? Nunca fui inimigo nem amigo do Ricardo Teixeira. Tínhamos fases. No Pan-Americano de 2007, a seleção jogou com um time jovem demais. Eu disse: "Tudo bem. Você é o presidente, monta o time que achar melhor". Perdemos. Com o Marin *(José Maria Marin, atual presidente da CBF)* tenho uma relação normal. Mas, com todo o respeito, prefiro ficar de fora dos assuntos do futebol e da Copa do Mundo.

Quem sabe no futuro o senhor não se torna presidente de algum clube de futebol... Você pode não gostar de mim, mas não me deseje isso. Eu sou Fluminense, então agora estamos bem. Mas amanhã o patrocinador debanda e ninguém sabe qual é o buraco ali. Por isso, nem conselheiro eu sou. Eu juro. Não aceitaria entrar nesse meio nem se me oferecessem a maior fortuna do mundo.

O seu cargo não é remunerado. Como o senhor vive? Vivo de aluguel de imóveis e do meu escritório de advocacia. É raro, mas às vezes ainda vou à tribuna. Eu me sinto em casa ali. Gosto de usar o microfone. Transito por todas as esferas e já fui a mais de 100 países. Meu cargo propicia tudo isso. Acho prazeroso mandar. ■

Fonte: Veja, São Paulo, ano 45, n. 49, p. 19-23, 5 dez. 2012.